

novo antagonismo social respaldado teórica e culturalmente no refundado socialismo-marxista, mais adequado ao tempo de crise do Ocidente que então se vivia, Astrojildo Pereira enveredou ao definir-se pela *cisão*, não só contra o insuportável e declinante mundo da dominação oligárquica, mas também, e coerentemente, contra o dogmatismo anarquista.

A influência da Revolução Russa no movimento libertário brasileiro

JOSÉ ANTONIO SEGATTO**

Já a partir de 1917, o movimento operário brasileiro recebe o impacto da Revolução de Outubro na Rússia. As repercussões da revolução bolchevique empolgam as lideranças anarquistas e socialistas que estavam na vanguarda das lutas e organizações de vários setores de trabalhadores.

Num primeiro momento os militantes, principalmente os anarquistas, tiveram da revolução uma imagem muito vaga, imprecisa e confusa: acreditavam ser a Revolução Russa de caráter libertário, saudando-a em sua imprensa como sendo “uma revolução do tipo libertário, abrindo caminho ao anarquismo”.²³ Essa crença, aliás, manteve-se viva até, pelo menos, meados de 1920.

Ao longo desses anos, os jornais e periódicos anarquistas publicaram artigos e reportagens sobre a Revolução de Outubro, a revolta espartaquista, a Comuna húngara, os conselhos de fábrica italianos, além de artigos de diversos líderes comunistas. O semanário *Spartacus* do Rio de Janeiro publicou em 1919 a “Mensagem aos trabalhadores americanos” e “A democracia burguesa e a democracia proletária” de Lenin e o artigo “Grande época” de L. Trotski. São publicados ainda nos vários órgãos da

** Historiador, professor do Departamento de Sociologia da Unesp, campus de Araraquara;

23. Astrojildo Pereira. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 61 e 62.

imprensa anarquista (*A Hora Social, Alba Rossa, Vanguarda etc.*) textos de Rosa de Luxemburgo, Máximo Gorki, Clara Zetkin, Losovski e outros.

Além dos artigos, reportagens e documentos, as simpatias e as declarações de apoio à Revolução de Outubro e outros acontecimentos revolucionários na Europa, aparecem em inúmeras manifestações da época. Um exemplo: o Terceiro Congresso Operário Brasileiro (Rio de Janeiro, 23 a 30 de maio de 1920) declara “sua expectativa simpática em face da Terceira Internacional de Moscou, cujos princípios gerais correspondem verdadeiramente às aspirações de liberdade e igualdade dos trabalhadores de todo mundo.”²⁴

As repercussões da Revolução de Outubro inspirarão ainda a criação, em 1919, de um Partido Comunista do Brasil, com características anarquistas. Fundado em conferência realizada no Rio de Janeiro e Niterói (21 a 23 de junho) com a participação de 22 delegados (Alagoas, Minas Gerais, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo), seu programa foi elaborado por José Oiticica e denominado *Princípios e fins do comunismo*. Ao final da conferência é aprovada uma *Moção aos Comunistas* e com o fito de divulgar seus ideais, Hélio Negro e Edgard Leuenroth publicam a brochura *O que é maximalismo ou bolchevismo, programa comunista*. O partido teria uma vida bastante curta, deixando de existir em 1920.

A publicação de textos de líderes bolcheviques na imprensa, as demonstrações de simpatia à Revolução de Outubro e a fundação de um Partido Comunista são, de fato, sinais evidentes da infiltração das concepções bolcheviques no seio do movimento anarquista brasileiro. O entusiasmo com a forma-Partido, a concordância com as teses da Internacional Comunista e a aprovação da ditadura do proletariado, caracterizam uma mudança de orientação importante e profunda no seio da vanguarda libertária.

Como explicar que tais concepções penetraram e foram absorvidas nas fileiras anarquistas? Na verdade, o movimento anarquista no Brasil teve algumas características bastante particulares. Além de débil, reinava no movimento libertário uma grande confusão ideológica. Ou seja, o anarquismo (como também o socialismo) estava impregnado por um “ecletismo ideológico”, onde se misturavam traços liberais, positivistas e evolucionistas. A confusão ideológica começa a se aclarar a partir de 1920.

24. *Boletim da Comissão Executiva do Terceiro Congresso Operário*. São Paulo, Cooperativa Graphica Popular, ano I, nº1, agosto de 1920, p. 15.

Neste momento, depois de uma curta conjuntura de ascenso do movimento operário, expresso num rápido crescimento das lutas, das manifestações, das organizações sindicais, da imprensa proletária, etc. tem início um período de refluxo, que ocasiona no seio do movimento uma crise de razoáveis proporções, provocando debates e indagações.

Várias questões iriam estar no centro dos debates dentro da vanguarda anarquista: “é necessário algo na doutrina libertária para reanimar as lutas sindicais no país? Seria a frouxidão dos métodos de organização anarco-sindicalista e a sua abstenção do ‘fazer política’ os responsáveis pelas derrotas infligidas à classe operária brasileira? E a questão da forma-Partido, com a sua disciplina e centralização? E a ditadura do proletariado, com seu autoritarismo? Estava a vitória da Revolução Russa a indicar os métodos de luta político-sindical mais compatíveis com as novas formas de dominação da burguesia imperialista?”²⁵

Assim, a discussão sobre a reorientação do movimento operário e sindical envolveu posicionamento sobre o caráter da revolução na Rússia e o programa da Internacional Comunista. Deste derivariam inúmeras outras questões, entre elas, a que polarizaria o debate seria a da organização, tanto sindical como do partido político revolucionário.

Inicialmente, a problemática aparece de forma indireta ou não explícita, sendo colocada simplesmente como necessidade de organização: “A força da burguesia reside na sua organização. Organização econômica, organização política, organização militar. Ora, desorganizado, não poderá jamais o proletariado lutar contra a burguesia. A luta tem que ser de organização contra organização. Há, primeiro que tudo, que organizar as hostes proletárias — desenvolver a organização já existente, agremiando as classes não organizadas, solidificando e unindo todas num só elo de inquebrantável solidariedade. E então vencerá a organização mais forte...”²⁶ A seguir, no entanto, com o desenvolvimento do debate, a questão irá ser colocada de forma clara: “do ponto de vista pelo qual julgamos nós, realizada a revolução sem passar pela posse do poder político, fazendo-a diretamente de baixo para cima, faliu, porque está comprovado não

25. Michel Zaidan Filho. *O PCB e a internacional comunista (1922-1929)*. Rio de Janeiro, Vértice, p. 40-41.

26. Astrojildo Pereira. “Organização contra organização”. *Voz do Povo*, 8 de abril de 1920.

27. Isidoro Augusto. “Anarquistas e bolchevistas”. *Voz do Povo*, 8 de julho de 1920.

só pela revolução do Oriente como também pelas atuais do Ocidente, que o comunismo não se organiza pela espontaneidade popular...”.²⁷

A essas concepções manifestas no interior do movimento, que propunham repensar as formas organizativas e de ação política, contrapõem-se os militantes libertários que mantinham fidelidade aos princípios anarquistas, opondo-se à reorientação de modo diferenciado e, às vezes, ainda confuso, como, por exemplo: “anos e anos de lutas sem trégua têm revelado que os trabalhadores só poderão resolver suas questões pela Ação Direta, pelas batalhas sindicais, pelas greves revolucionárias (...) nada de panos mornos como o parlamentarismo e outros quaisquer socialismos, à exceção do marxismo que é genuinamente revolucionário, conduzindo as massas à subversão como aconteceu com os russos em outubro de 1917 (...) Todo o partido é uma estreiteza, a grandeza do ideal revolucionário não pode ser comportada dentro de facções mesquinhas como partidos e parlamentos”.²⁸

Os militantes que acreditavam na necessidade de mudanças de orientação, por seu turno, apresentam-se na discussão respondendo às acusações e críticas, expondo mais claramente suas idéias e objetivos: “Os marxistas, até os mais extremados discípulos de Marx e Engels, tais como Lenin, Trotsky, Radek... todos ainda hoje aceitam, para o preparo da revolução, a luta no terreno político, parlamentar, ao lado da luta econômica”. E sobre o poder esclarecem: “Se há ainda dominadores, não pode existir uma sociedade *anarquista comunista*; teremos na melhor das hipóteses, uma ditadura proletária, socializante, em substituição à atual ditadura burguesa”.²⁹

Com o desenvolvimento da luta político-ideológica, o debate em torno da questão do partido político torna-se cada vez mais acirrado, com os militantes libertários passando a atacar frontalmente aqueles militantes dissidentes do anarquismo que agora propugnavam por novas formas de ação e organização: “A Revolução Russa bem como alguns de seus princípios e realizações, despertaram em nós incontidos entusiasmos (...) Agora, porém... cumpre-nos esclarecer a situação, principalmente e porque, havendo no Rio alguns libertários militantes que tomam a nuvem por Juno, isto é, confundem a Revolução Russa com o Estado burocrático e militarista ali estabelecido, chegando a propagar a organização de um partido

28. Octavio Brandão. “Aos trabalhadores do Brasil”. *Voz do Povo*, 22 de agosto de 1920.

29. Ávila. “Carta aberta a Octavio Brandão”. *Voz do Povo*, 30 de agosto de 1920.

socialista-marxista, o qual teria por fim, entre outras coisas, a conquista do Estado burguês, empregando o processo eleitoral, transformando-o em Estado maximalista, afim de que este pusesse a máquina nos eixos, durante o período de transição (...). Esta atitude, além de produzir uma cisão nos elementos avançados, significa uma retração dos princípios que disseram sustentar e uma traição à causa da emancipação humana”.³⁰

A luta política e ideológica continuaria ainda por algum tempo. O debate, porém, é permeado de muita confusão. Mas as diferenças foram se estabelecendo e ganhando nitidez na medida em que as posições se demarcavam. O momento culminante ocorrerá no início de 1922, quando a divisão se consuma. Os dissidentes libertários lançam, no Rio de Janeiro, a revista *Movimento Comunista*, com o objetivo de divulgar as concepções da III Internacional e aglutinar os grupos comunistas dispersos. Em seu primeiro número, anunciava suas finalidades: “Este mensário, órgão dos Grupos Comunistas do Brasil, tem por fim defender e propagar, entre nós, o programa da Internacional Comunista (...). Defendemos, por consequência, o princípio da ditadura do proletariado (...) com referência à organização partidária, desejamos e preconizamos, solidamente baseada num mesmo programa ideológico, estratégico e tático, das camadas mais conscientes do proletariado.”³¹

Em contraposição, os anarquistas de São Paulo publicam um manifesto reafirmando suas posições, alegando que os princípios anarquistas não precisam ser revistos. Repudiam a intervenção político-parlamentar e mantêm a defesa da ação direta, método que “tende a despertar a iniciativa, o espírito de espontaneidade, a decisão, a coragem e ensina a massa popular a agir por conta própria, a unir-se e viver sem qualquer tutela”. Chamam a atenção para a necessidade de formação de grupos anarquistas e sua organização em federações regionais. Declaram-se solidários com o Secretariado Internacional Anarquista, na Suécia, e a Federação Anarquista Internacional, em processo de constituição”.³²

30. Florentino de Carvalho. “O bolchevismo: sua repercussão no Brasil”. *A Obra*, 15 de setembro de 1920.

31. *Movimento Comunista*, ano I, nº 1 de 1922, p. 1 e 2.

32. “Os anarquistas no movimento presente”. *A Plebe*, 18 de março de 1922.

SEGATO, José Antônio. A influência da Revolução Russa no movimento libertário brasileiro. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.5, 1997, p.124-128.

Palavras-chave: Revolução Russa; Movimento libertário; Movimento operário; Brasil.